



SINCRONICIDADE

O ÚLTIMO CONTO De cada vez que uma borboleta bate as asas no Japão, há um contador de histórias no México que converte em voz alta a rotação dos pensamentos. Rodolfo Castro e Enrique Torralba intercetaram os sinais.

«Jacinto era um bom contador de histórias. A sua voz equilibrava-se entre a serenidade e a fúria.» As primeiras três linhas de *O Último Conto* fazem jus a um dos títulos de Maria Gabriela Llansol, segundo a qual «o começo de um livro é precioso». Assim é também para o contador de histórias, cuja voz ressoa nas paredes míticas da casa do mundo. O seu trabalho consiste em amalgamar memórias, explicações, augúrios, sonhos e rituais. É um nómada da palavra dita. Onde quer que pare, a viagem começa.

No caso, Jacinto «gostava de contar histórias debaixo de uma árvore, apoiando a perna sobre um caixote». Os habitantes do bairro convergiam para aquele lugar, as casas inclinavam-se para o ouvir melhor. «Não conseguíamos resistir à tentação de viver, por alguns minutos, o tempo infinito da fantasia.» Ninguém acreditava que o encantamento se quebrasse, mas chega um dia em que a voz de Jacinto deixa de se ouvir. Tinha desaparecido no olhar de alguém que es-

cutava, e todos o viram «dar um passo em direção àquele mistério». O ar encheu-se de presságios perante o que estava para acontecer. «Permanecemos em silêncio até que o estrondo de um avião nos dispersou.»

Lançado em edição simultânea no México, Brasil e Portugal, *O Último Conto* é o segundo livro de Rodolfo Castro (Argentina, 1965) publicado na Gatafunho, depois de *A Intenção Leitora*, *a Intenção Narrativa*, sobre a sua experiência de contador de histórias, a viver há três anos e meio em Portugal. É um *picture book* com marcas de novela gráfica, em que o trabalho do ilustrador Enrique Torralba (México, 1969), com nítidas influências de Shaun Tan, nos remete para um universo onírico mas inquietantemente próximo. Um pequeno tesouro.



Rodolfo Castro
Ilustrações de Enrique Torralba
O Último Conto
Tradução de Ana Marques
Gatafunho

EFEITO SOMBRA

OS ILUMINADOS

O centro de escrita criativa da Universidade de Kent, no Reino Unido, dirigiu-se em tom de repto a quem não esteja comprometido com «a grande literatura». E deixou o aviso: «Ninguém vai aprender a escrever *mass-market thrillers* ou ficção para crianças nos nossos programas.» Choveram protestos pelo tom paternalista. De Kent, a resposta veio tardia e irónica («Desculpem, mas estávamos ocupados a ler romances para adultos.»), mas acabaram por reformular a página Web. Estamos todos agora à espera da «grande literatura» *made in Kent*.

É A EDUCAÇÃO, ESTÚPIDO!

Quem é que se admira por os portugueses terem hábitos culturais equiparáveis aos da Roménia e Bulgária? Segundo os últimos dados do Eurobarómetro, apenas 40% declararam ter lido um livro, contra 68% da média europeia. A crise tem as costas largas, mas o problema é estrutural. Em 2014, o desinvestimento na educação vai continuar a dar frutos. E serão amargos.

Isabel Minhós
Martins
Yara Kono (ilustr.)
Uma Onda Pequena
Planeta Tangerina

Margarida Teixeira
e Susana Martins
Posso Ajudar?
Máquina de Voar

Mariana Ruiz Johnson
Mamá
Kalandraka

Pat Hutchins
Boa Noite, Mocho!
Kalandraka

Sandol Stoddard
I. Chermayeff (ilustr.)
**Guarda como Um
Segredo**
Bruaá

Jean-Luc Fromental
e Joëlle Jolivet
365 Pinguins
Orfeu Mini